



## BOAS PRÁTICAS EM SAÚDE E POLÍTICAS PÚBLICAS PARA PROTEÇÃO A MULHERES E CRIANÇAS VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA

# GRUPO VID@ EM AÇÃO: CUIDADO A PESSOAS EM SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA NO CONTEXTO DA PANDEMIA

**Nadirlene Pereira Gomes** ORCID: 0000-0002-6043-3997

Docente do Programa de Pós-graduação em Enfermagem e Saúde da Universidade Federal da Bahia

Ações de prevenção e enfrentamento da violência doméstica são objeto de interesse e intervenção do Laboratório “Violência, Saúde e Qualidade de Vida”. Criado em 2004, o Grupo Vid@, como é conhecido, vincula-se à Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia. Centradas no cuidado, as ações primam pela promoção de reflexão acerca das diversas formas de expressão da violência, da importância da família na formação do indivíduo e impactos da desigualdade de gênero para a sociedade, como também do estímulo à prática do autocuidado, inclusive por meio de métodos pacíficos de resolução de conflitos (ESTRELA *et al.*, 2020).

Muitos estudos, inclusive realizados pelo Grupo Vid@, sinalizam o comprometimento da vivência de violência doméstica e conjugal para a saúde física e mental das mulheres e seus filhos, decorrentes da agressão física e à somatização do evento violento, como hematomas, baixa autoestima, tristeza, medo, depressão e ideação suicida. Para crianças e adolescentes, tais implicações trazem prejuízos para o rendimento escolar, bem como vulnerabilidade para o uso de álcool e outras drogas (CARNEIRO *et al.*, 2017; MAGALHÃES *et al.*, 2020).

Diante da magnitude e complexidade desse agravado, que acomete sobremaneira crianças, adolescentes e mulheres, estar confinada com o agressor, como consequência das medidas sanitárias estabelecidas governamentalmente para mitigar a disseminação da Covid-19 (AQUINO *et al.*, 2020), desvela-se como medida que precipita e intensifica o experienciamento de abusos intrafamiliares. Tão grave quanto os índices de violência, são os impactos da Covid-19 nos múltiplos aspectos: emocional, jurídico, policial, de saúde, socioeconômico, entre outros. Isso porque o contexto de distanciamento social e rápida disseminação da doença interfere no acesso das mulheres a familiares, amigos como também a profissionais das mais diversas áreas de atuação, não apenas pelo acometimento da doença, como pela necessidade imposta de adaptação ao contexto de distanciamento, comprometendo seriamente o suporte institucional necessário.

Nesta conjuntura, o Grupo Vid@ vem desenvolvendo tecnologias sociais, terminologia que consiste em metodologia passível de ser aplicada na comunidade e gerar transformação social (ESTRELA *et al.*, 2020). Algumas das tecnologias desenvolvidas foram adequadas para o contexto de distanciamento, como as atividades com escolares, e outras foram elaboradas para atender às demandas suscitadas pela pandemia.

Uma das tecnologias sociais implementadas no contexto de pandemia foi o Vid@ na Covid, projeto decorrente da preocupação com a saúde física, mental, psicológica, religiosa/espiritual e social das mulheres com história de violência conjugal que passaram a conviver com duas pandemias, a da violência e a da COVID 19. O referido projeto foi realizado com cerca de 300 mulheres assistidas pela Ronda Maria da Penha da Polícia Militar da Bahia, vinculadas à Vara de Violência e à comunidade do Coletivo de Mulheres do Calafate.

A partir de parceria prévia com a Ronda, foi possível acessar as mulheres assistidas por meio de contatos telefônicos. As ligações eram realizadas por telemonitoras voluntárias, recrutadas entre profissionais e estudantes das áreas de saúde, jurídico, social e da educação. Estas realizavam o curso para telemonitoras e, desejando atuar, eram acompanhadas por integrantes do LabVid@, responsável pelo acompanhamento das ligações.

Para o telemonitoramento, foi usado um guia estruturado com perguntas referentes a situações de sintomatologia para Covid, questões de doenças crônicas e medicações, qualidade do sono, outras queixas clínicas, demandas psicológicas, religiosas, espirituais e econômicas. Não havia questões diretamente sobre violência haja vista entendermos que as telemonitoras não necessariamente estariam preparadas para acolhimento e orientações específicas, além do fato de serem mulheres assistidas pela Ronda, o que significa dizer que já se encontravam afastadas de seus companheiros e sob proteção policial. Contudo, ainda assim, houve relatos de violência, que foram direcionados a uma das doutorandas do LabVid@, responsável pelo contato direto com a Ronda.

O protocolo consistiu em três ligações telefônicas, realizadas uma a cada semana, ou, em caso de sintomatologia gripal, com menor intervalo, de um ou dois dias. Após as ligações, as telemonitoras registravam os dados no prontuário. Diariamente os prontuários eram consultados pela equipe de encaminhamento, que era responsável pelo contato com as pessoas de referência para cada caso. Dentre as demandas, destacaram-se: sintomatologia da covid, questões ginecológicas e obstétricas, aspectos psicoemocionais e descumprimento da medida protetiva.

As ações foram bem avaliadas pelas telemonitoras: “As vivências obtidas, mesmo que de maneira remota, têm oportunizado compreender a realidade dessas mulheres e assim poder intervir com humanização e escuta qualificada”; “Precisamos ter essa sensibilidade de deixá-las falar um pouco. Eu estou amando essa experiência”; “Esse processo está sendo muito enriquecedor e gratificante. Sou apaixonada por educação em saúde e poder fazer isso durante a pandemia traz uma satisfação enorme”.

Outra tecnologia desenvolvida durante a pandemia remete ao Espaço Terapêutico Remoto, de apoio a questões decorrentes do impacto da COVID 19 para a ocorrência de estresse, ansiedade e sofrimento emocional das pessoas. Como se sabe, toda a problemática decorrente da pandemia comprometeu grandemente a saúde mental das pessoas, sendo notórias a necessidade de estratégias de cuidados para esse enfrentamento (SILVA, RODRIGUES, 2021).

Diante disso, o LabVid@, em parceria com o CURARTE, organizou encontros de meditação com finalidade de proporcionar autoconhecimento, gestão emocional e bem-estar. As sessões ocorriam durante dez semanas, sendo que cada atividade durava em média 50 minutos. A condução era feita por profissionais com experiência em Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS), como terapia da respiração, yoga do riso e meditação guiada.

No total, foram ofertados 5 ciclos do Espaço Terapêutico Remoto, sendo o primeiro iniciado em março de 2021. Na avaliação, os participantes referiram, dentre outras falas: “melhora na sensação de bem estar” e “aumento das práticas de autocuidado”.

Foram realizadas ainda atividades de prevenção e enfrentamento de violências (violência contra a mulher, violência contra criança e adolescente, violência contra a pessoa idosa) junto a crianças e adolescentes de escolas públicas. Essa atividade vincula-se à Atividade Curricular em Comunidade e Sociedade (ACCS), intitulada “Abordagem interdisciplinar e transdisciplinar dos problemas de saúde relacionados à violência na comunidade”.

O objetivo é promover reflexões acerca da naturalização e reprodução da violência nas relações pessoais, transversalizando o fenômeno com as questões da saúde mental, bullying e uso problemático de álcool e drogas. A atividade é realizada por estudantes vinculados a diversos cursos da Universidade Federal da Bahia como enfermagem, psicologia, medicina, direito, pedagogia, bacharelado interdisciplinar, entre outros.

Nesse âmbito, também é incentivada a construção de seminários sobre a temática, feitas orientações quanto ao preenchimento da ficha de notificação de violência a partir de casos simulados e viabilizadas visitas

técnicas a serviços de atendimento a pessoas em situação de violência, como delegacia do idoso, centro de referência a mulheres, conselho tutelar, entre outros. Durante a pandemia, as atividades centraram-se em visitas guiadas por meio de site dos serviços e produção de tecnologias sociais possíveis de serem acessadas remotamente, como cartilhas educativas.

Essas tecnologias sociais implementadas pelo LabVid@ em parceria com outros serviços, embora elaboradas por integrantes cuja maioria são enfermeiras e focarem no cuidado às pessoas em situação de violência, podem ser aplicadas aos mais diversos grupos populacionais e desenvolvidas por profissionais de diferentes áreas de conhecimento.

## REFERÊNCIAS

1. AQUINO, Estela Maria Leão, et al. Medidas de distanciamento social no controle da pandemia de COVID-19: potenciais impactos e desafios no Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva* [online]. 2020, v. 25, suppl 1, p. 2423-2446. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1413-81232020256.1.10502020>>. acesso em: 7 nov. 2022
2. CARNEIRO, Jordana Brock, et al. Domestic violence: repercussions for women and children. *Escola Anna Nery* [online]. 2017, v. 21, n. 4, e20160346. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/2177-9465-EAN-2016-0346>>. Acesso em: 6 nov. 2022.
3. ESTRELA, Fernanda Matheus, et al. Social technology to prevent intimate partner violence: the VID@ Group in actions with men. *Revista da Escola de Enfermagem da USP* [online]. 2020, v. 54, e03545. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1980-220X2018040803545>>. Acesso em: 7 nov. 2022.
4. MAGALHÃES, Júlia Renata Fernandes, et al. Repercussions of family violence: oral history of adolescents. *Revista Brasileira de Enfermagem* [online]. 2020, v. 73, n. 1, e20180228. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0034-7167-2018-0228>>. acesso em: 6 nov. 2022.
5. SILVA, Cristiane Moreira; RODRIGUES, Rafael Coelho. Pandemia de Covid-19 e sofrimento psíquico: alguns elementos para uma problematização do Brasil contemporâneo. *Rev. psicol. polít.*, São Paulo, v. 21, n. 51, p. 322-339, ago. 2021. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1519-549X2021000200003&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2021000200003&lng=pt&nrm=iso)>. acesso em: 10 nov. 2022.